



RELIGIÕES POLITEÍSTAS

Emmanuel, em *A Caminho da Luz*, nos informa que “As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários. (...)” (08)

Informa-nos Emmanuel que, naquelas épocas longínquas, devido à ausência da escrita, as tradições se transmitiam de geração a geração através das palavras articuladas (tradição oral), acrescentando, no entanto, que com a cooperação dos exilados do sistema da Capela, “(...) os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos, começando a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas. (...)” (08)

Os vedas, que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos Sastras, ou grandes mestres das ciências hindus, que os antecederam de mais ou menos dois milênios, nas margens dos rios sagrados da Índia. Vê-se, pois, que a idéia religiosa nasceu com a própria Humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo.” (08)

Escreveremos, a seguir, sobre as principais religiões politeístas da Antigüidade e como elas influíram para a formação moral-intelectual da Humanidade.

Para que nos situemos no tempo e no espaço, recordemos que as raças adâmicas (ou exilados da Capela) se reuniram, aqui na Terra, em quatro grandes grupos: os árias — que originaram os povos indo-europeus —, os egípcios, os israelitas e os hindus. (09)

CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

“Dos Espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam nas margens do Ganges foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada, cujos núcleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir. (...)”

As almas exiladas naquela parte do Oriente muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados (...).” (10)

Segundo o americano Thomas Bulfinch (*The Age of Fable* ou *O Livro de Ouro da Mitologia*) “A religião dos hindus foi fundada, segundo está expressamente admitido, pelos

Vedas. Os hindus atribuem a maior santidade a esses livros, afirmando que o próprio Brama os escreveu.

Indubitavelmente, os Vedas ensinam a crença em um Deus supremo. O nome dessa divindade é Brama. Seus atributos são representados pelos três poderes personificados da criação, conservação e destruição, que sob os nomes respectivos de Brama, Vixnu e Siva, formam a trimurte, ou trindade dos principais deuses hindus. (...)” (01)

Além destes três deuses que formam a trindade dos atributos de Brama, há, no Bramanismo, deuses inferiores responsáveis por certos fenômenos da natureza, como: trovão, relâmpago, fogo, sol, regiões infernais, etc. (01)

“(...) Brama é o criador do universo e a fonte de onde emanaram todas as divindades individuais e pela qual elas serão, finalmente, absorvidas. (...)” (01) Por este princípio do bramanismo observa-se, nitidamente, o caráter politeísta e panteísta da religião dos hindus.

É interessante destacar que “(...) Os adeptos do bramanismo consideram Buda como uma encarnação ilusória de Vixnu (um dos deuses da trindade), assumida por ele a fim de induzir os Asuras, adversário dos deuses, a abandonar os ensinamentos sagrados dos Vedas, graças ao que eles perderiam sua força e supremacia. (...)”(02)

Isto se explica por que “(...) Os budistas negam inteiramente a autoridade dos Vedas e as observâncias religiosas neles prescritas e seguidas pelos hindus. Também não aceitam a separação dos homens em castas e proibem todos os sacrifícios sanguinolentos e o uso de alimentos de origem animal. Seus sacerdotes são escolhidos em todas as classes; devem se sustentar mendigando; e, entre outras coisas, têm obrigação de procurar utilizarem-se de objetos jogados fora como inúteis por outros e descobrir o poder medicinal das plantas. (...)” (03)

Os brâmanes são idólatras e há divisões entre eles, formando seitas distintas, conforme os deuses que venerem. Daí existirem, ainda hoje, as seitas dos seguidores e adoradores de Vixnu (Deus que protege a Terra de perigos), de Siva (Deus do princípio destruidor e que conta, atualmente, com maior número de adeptos) e do deus principal, Brama.

As influências do bramanismo são boas quando originam a formação dos Mahatmas e são negativas quando estabelecem o sistema de castas. É o que Emmanuel nos esclarece: “(...) Os cânticos dos Vedas são bem uma glorificação da fé e da esperança, em face da Majestade Suprema do Senhor do Universo. A faculdade de tolerar, e esperar, aflorou no sentimento coletivo das multidões, que suportaram heroicamente todas as dores e aguardaram o momento sublime da redenção. Os mahatmas criaram um ambiente de tamanha grandeza espiritual para o seu povo, que, ainda hoje, nenhum estrangeiro visita a terra sagrada da Índia sem de lá trazer as mais profundas impressões acerca de sua atmosfera psíquica. Eles deixaram também, ao mundo, as suas mensagens de amor, de esperança e de estoicismo resignado (...)” (11)

“(...) o povo hindu, embora as suas tradições de espiritualidade, deixou crescer no coração o espinho do orgulho que, aliás, dera motivo ao seu exílio na Terra.

Em breve a sua organização das castas separava as suas coletividades para sempre.

Essas castas não se constituíam num sentido apenas hierárquico, mas com a significação de uma superioridade orgulhosa e absoluta. (...)” (12)

Entre os missionários enviados por Jesus à Índia destacam-se as figuras de Buda e Crisna.

CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

“Dentre os Espíritos degredados na Terra, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacavam na prática do bem e no culto da verdade.

Aliás, importa considerar que eram eles os que menos débitos possuíam perante o tribunal da Justiça Divina. (...) Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. Em todos os corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos afetos. Foi por esse motivo que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egito desapareceram para sempre do plano tangível do planeta. Depois de perpetuarem nas Pirâmides os seus avançados conhecimentos, todos os Espíritos daquela região africana regressaram à pátria sideral.” (14)

A religião egípcia se caracterizava pelo duplo aspecto com que se manifestava: para a massa popular, ainda não suficientemente madura para receber os ensinamentos profundos, era politeísta. Para os sacerdotes e iniciados, era monoteísta. Como nos explica Emmanuel: “(...) Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres (...)” (18)

Entretanto, entre o povo, predominavam as idéias politeístas. “(...) As massas requeriam esse politeísmo simbólico, nas grandes festividades exteriores da religião. (...)” (15)

E, conforme consta na Enciclopédia Deita Larousse, “Sem embargo da multiplicidade dos deuses egípcios — uma lista achada no túmulo de Tutmés III nomeia cerca de setecentos e quarenta — a mitologia propriamente dita é bastante pobre ou pelo menos só chegaram até nós muito poucas lendas relativas às divindades. (...)” (05)

O deus principal do povo egípcio era Amon ou Amon-Ra e havia outras divindades subalternas (Osiris, Set, Horus, Anúbis, e outros).

Inegavelmente, a grande contribuição da religião egípcia repousa nos ensinamentos esotéricos, que não só transmitiam a existência de Deus uno, Pai e Criador de tudo, como também “(...) O destino e a comunicação dos mortos e a pluralidade das existências e dos mundos eram, para eles, problemas solucionados e conhecidos. (...). (...) os iniciados sabiam da existência do corpo espiritual preexistente, que organiza o mundo das coisas e das formas. Seus conhecimentos, a respeito das energias solares com relação ao magnetismo humano, eram muito superiores aos da atualidade. Desses conhecimentos nasceram os processos de mumificação dos corpos (...). (16)

Como tão elevados ensinamentos eram vedados ao povo, originou-se o politeísmo. A saudade do mundo feliz e bom, a se expressar em reminiscências fragmentárias, e o culto da morte altamente desenvolvido, permitiram que este povo, degredado num mundo tão diferente do seu, sentisse como renascido em corpos de animais. “(...) A metempsicose era o fruto da sua amarga impressão, a respeito do exílio penoso que lhe fora infligido no ambiente terrestre. (...)” (17)

CIVILIZAÇÃO GREGA

As experiências mais vastas no campo social ocorreram na Grécia, berço de filósofos, sábios e literatos famosos, sendo que, indiscutivelmente, o maior deles foi Sócrates.

Os Gregos eram essencialmente politeístas e donos de uma mitologia inigualável. Nenhum povo os superou nesse ponto.

Mas para compreendermos um pouco da mitologia grega, segundo palavras do autor do Livro de Ouro da Mitologia, “(...) cumpre-nos, em primeiro lugar, conhecer as idéias sobre a estrutura do universo, aceita pelos gregos — o povo de quem os romanos, e as demais nações, por intermédio dele, receberam sua ciência e sua religião.

Os gregos acreditavam que a Terra fosse chata e redonda, e que seu país ocupava o centro da Terra, sendo seu ponto central, por sua vez, o Monte Olimpo, residência dos deuses, ou Delfos, tão famoso por seu oráculo.

O disco circular terrestre era atravessado de leste a oeste e dividido em duas partes iguais pelo Mar, como os gregos chamavam o Mediterrâneo e sua continuação, o ponto Euxino (...).

Em torno da Terra corria o Rio Oceano (...) Era dele que o mar e todos os rios da Terra recebiam suas águas.

A parte setentrional da Terra era supostamente habitada por uma raça feliz, chamada os hiperbóreos, que desfrutava uma primavera eterna e uma felicidade perene (...).” (04)

Na parte meridional da Terra (...) morava um povo tão feliz e virtuoso como os hiperbóreos, chamado etíope. (...)

Na parte ocidental da Terra, (...) ficava um lugar abençoado, os Campos Elíseos, para onde os mortais favorecidos pelos deuses eram levados, sem provar a morte, a fim de gozar a imortalidade da bem-aventurança. (...)” (04)

Para os gregos havia um grande deus: Zêus. Era o deus supremo, personificava o céu, era o senhor do universo, pai dos demais deuses, deusas e da Humanidade.”(...) Zêus era eterno, onisciente, onipotente. Estava, contudo, submetido ao destino (a Moira). Dele emanavam, com o poder dos reis, as leis das sociedades, a propriedade, o casamento, a hospitalidade, a justiça. (...)” (06)

Havia ainda outros deuses — os principais, os subalternos, as divindades infernais e os heróis ou semi-deuses.

Evidenciam-se, na Grécia antiga, os papéis de duas cidades: Atenas — berço da democracia, onde o povo amava a liberdade e dedicava-se à cultura, às artes, à beleza. Desta cidade saíram grandes legisladores, como Sólon, filósofos, como Sócrates, Platão, Xenofonte, além de poetas. Esparta, ao contrário, representava o poder absoluto, ditatorial, onde se proibia o comércio, condenava a cultura, os seus filhos eram educados dentro de leis rígidas, que por severas em demasia abalavam os alicerces da família e favoreciam a corrupção. (19)

A mitologia grega, tão rica e fantasiosa como era, favoreceu que os gregos vivessem as experiências sociais necessárias à sua evolução, sendo que as conquistas sociológicas desenvolvidas em Atenas foram o que houve de mais positivo mesmo para os dias atuais. Com Esparta, contudo, as experiências no campo social não foram tão benéficas. É o que nos fala Emmanuel: “(...) Esparta passou à história como um simples povo de soldados espalhando a destruição e os flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a Humanidade. (...)” (19)

CIVILIZAÇÃO ROMANA

Foram, sobretudo, os etruscos que deram origem ao povo romano. Os etruscos se caracterizavam por ser “(...) esforçados, operosos e inteligentes. Nas regiões da Toscana, possuíam largas indústrias de metais, marinha notável, destacado progresso no amanho da terra e, sobretudo, sentimentos evolucionados que os faziam diferentes das coletividades mais próximas. Acreditavam na sobrevivência e ofereciam sacrifícios às almas dos mortos, venerando os deuses cujas disposições, em cada dia, presumiam conhecer através dos fenômenos comuns da Natureza. (...)” (20)

A história da fundação de Roma está envolvida na romântica lenda de Rômulo e Remo, heróis divinizados, que segundo se dizia eram filhos do deus guerreiro Marte e da Vestal Réia Sílvia (sacerdotisa da deusa do lar Vesta), foram amamentados por uma loba e fundaram Roma. (07)

Segundo o iluminado mentor espiritual Emmanuel, as influências do povo etrusco foram decisivas para as experiências que os romanos precisariam viver mais tarde. Neste sentido, vale “(...) recordar a figura de Tarquínio Prisco, filho da Etrúria, que trouxe à cidade grandes reformas e inúmeras inovações em todos os departamentos da sua consolidação e

do seu progresso (...). Seu sucessor, S rvio T lio, era igualmente da sua família. Este, dividiu todo o povo da cidade em classes e centúrias, segundo as possibilidades financeiras de cada um, desgostando os patrícios, a esse tempo já organizados, em virtude de essa reforma apresentar-se dentro de características liberais, n  obstante as suas finalidades militares.

Onde, porém, mais se evidenciam as influências etruscas, nas organiza es romanas,   justamente na alma popular, devotada aos g nios, aos deuses e às supersti es de toda espécie (...). Cada família, como cada lar, possuía o seu g nio invisível e amigo, e, na sociedade, alastravam-se as comunidades religiosas (...).

Os romanos, ao contrário dos atenienses, não procuravam muitas indaga es transcendentais em matéria religiosa ou filosófica, atendendo somente aos problemas do culto externo, sem muitas argumenta es com a lógica (...).” (21)   por isso que, a despeito da numerosa quantidade de deuses existentes em Roma — O Panteão chegou a ter mais de trinta mil - (21) a mitologia romana   pobre.

O polite simo romano contribuiu para que se desenvolvessem, na sociedade romana, grandes virtudes, entre as quais destacamos os deveres familiares, evidenciando o papel das matronas.

Se por um lado o Direito Romano e a organiza o familiar passam para a posteridade como aquisi es evolutivas deste poderoso povo, por outro lado, lamentavelmente, Roma deixou-se embriagar pela sede das conquistas e do expansionismo. Instalado o portentoso Império Romano, o tacho de César passa a subjugar povos e mais povos, até que a  guia romana tomba ao chão revelando toda a decadência de quem prometia muito.

Falamos das principais civiliza es politeístas da Antigüidade, com a expansão dessas civiliza es pelos quadrantes do planeta. A miscigena o entre os indivíduos gerou a forma o de novos povos que tiveram influências maiores ou menores na história da civiliza o humana. Citamos, a título de exemplo, os assírios-babilônicos, os fenícios, os iranianos, os chineses, os celtas, os nórdicos, entre outros.

* * *

FONTES DE CONSULTA

01 - BULFINCH, Thomas. Mitologia Hindu. in:_. O Livro de Ouro de Mitologia. Trad. de David Jardim Júnior. Tecnoprint, 1965. Pág. 260.

02 - Pág. 261.

03 - Buda, págs. 265-266.

04 - Introdu o, págs. 8-10.

- 05 - Mitologia Egípcia. In:_. ENCICLOPÉDIA DELTALAROUSSE. 2. ed. Rio de Janeiro: Deita, 1968. Pág. 1734.
- 06 - Mitologia Grega, pág. 1740.
- 07 - Mitologia Romana, pág. 1751.
- 08 - XAVIER, Francisco Cândido. As grandes religiões do passado. In:_.A Caminho da LUZ. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Págs. 81-82.
- 09 - As raças adâmicas. Págs. 37-38.
- 10 - A Índia. Págs. 49-50.
- 11 - Pág.52.
- 12 - Pág.53.
- 13 - Pág.41.
- 14 - A civilização egípcia. Págs. 41 -42.
- 15 - Pág.43.
- 16 - Pág.45.
- 17 - Pág.44.
- 18 - Pág.43.
- 19 - A Grécia e a missão de Sócrates. Pág. 91.
- 20 - Roma. Pág. 98.
- 21 - Págs. 99-100.
- 22 - Pág. 100.